

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Observador

Class.: 39

Data: 19/10/88

Pg.: _____

Devastação repercute nos EUA

A selva tropical amazônica, a maior maravilha natural do planeta, está desaparecendo aceleradamente pela ação predatória dos colonos da região, destacou ontem o "New York Times" em um editorial intitulado "Que se queima no Brasil".

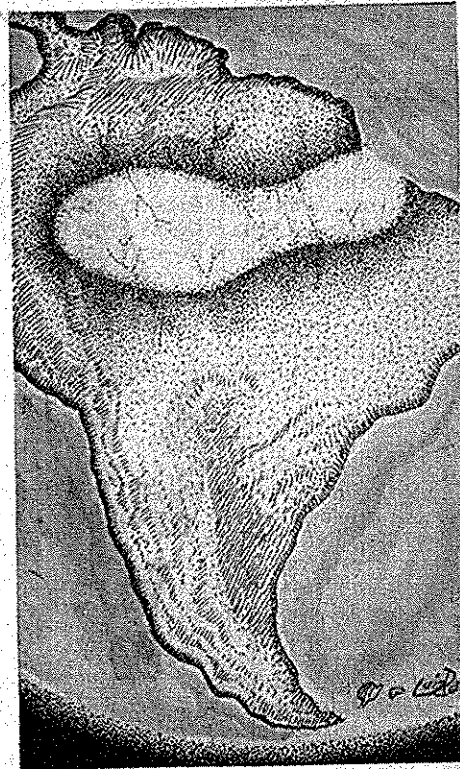
O jornal indica que um exército de colonos, estimulados por incentivos governamentais mal aplicados, se dedica à queima de árvores a fim de converter os bosques em ranchos para a criação de gado.

O presidente do Brasil, José Sarney, censurou na semana passada o urbanismo predatório, porém isso dá limitada garantia à possibilidade de que se adotem outras medidas, acrescenta.

Os brasileiros não conseguem entender por que os norte-americanos e europeus, que destruíram seus próprios bosques, desejam evitar que o Brasil urbanize os seus. O "Times" expõe uma série de fatores que indicam porque os bosques da Amazônia não devem ser destruídos.

Em primeiro lugar, assinala que esta selva é celeiro de vida, porque está cheia de fauna e flora, que em sua maioria são desconhecidas para a ciência. Indica, também, que os ricos bosques são terrenos pobres para o cultivo, devido a que geralmente a selva recicla seus nutrientes, a nível de folhagem de suas árvores, e em sua muralha de raízes. Assinala que os colonos que queimam árvores empobrecem o solo depois de um ano de cultivos.

Por outro lado, se refere aos transtornos climatológicos. Em vista de que os bosques expõem umidade que dá lugar a uns 50% das chuvas do Brasil, estes absorvem por sua vez os aguaceiros. Quando a maior parte dos bosques tiver desaparecido, a Amazônia poderá ser devastada por inundações durante os meses de chuvas na temporada de seca. Os terrenos argilosos se converterão



em desertos. O "Times" se refere ainda ao fato de que o governo brasileiro declarou estrangeiros os indígenas que habitam a Amazônia. Kube-I, da tribo Kaiapó, apresentou uma queixa ante o Banco Mundial alegando que as represas e estradas estavam destruindo as terras dos indígenas. Ele está sendo processado mediante lei que proíbe aos estrangeiros se envolverem em assuntos internos do Brasil.

Denúncias contra pressões

O diretor-geral do Instituto de Pesquisas da Amazônia, Herbert Shubart, denunciou ontem no Rio de Janeiro que pressões de governadores, políticos e empresários que têm projetos na região amazônica foram as principais responsáveis pelas "tímidas medidas que constam do pacote 'Nossa Natureza', anunciado na semana passada pelo presidente Sarney". Segundo Shubart, o argumento usado pelos líderes do lobby contra o pacote foi de que, com a suspensão dos subsídios à agricultura e pecuária, "mais uma vez o Governo Federal estaria impedindo o desenvolvimento da Amazônia".

Shubart e mais nove representantes da comunidade científica nacional, IBDF, Vale do Rio Doce e Eletrobrás, além de políticos da PV, elaboraram ontem um documento com críticas ao pacote "Nossa Natureza", durante um seminário sobre o futuro da Amazônia, realizando na Coordenação de Programas de Pós-Graduação em

Engenharia (Coppe) da UFRJ. O relatório, que pede a suspensão de todos os incentivos fiscais aos projetos agropecuários na Amazônia durante três anos, e não apenas três meses como determinou o pacote, será encaminhado ao Congresso Nacional e às autoridades do Governo Federal.

Marco Aurélio Palhas de Carvalho, chefe da Divisão de Planejamento e Geração da Eletrobrás, argumentou que as hidrelétricas projetadas para a região são indispensáveis para atender à estimativa de demanda de energia do país nos próximos anos. Sem elas, "a opção seria a energia nuclear ou as usinas de carvão", advertiu. Já Shubart lembrou que 90% da potência de geração elétrica do país provém de força hidráulica e 50% desta estão na Amazônia. "O desmatamento vai alterar o ciclo dos rios e, conseqüentemente, o funcionamento das barragens. Para a garantir essa alternativa energética, é necessário preservar a floresta", alertou o especialista.

Belém vai sediar os debates

A Amazônia, como questão nacional, será discutida num Fórum Nacional de Debates promovido pela Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA), com sede no Rio de Janeiro. A programação será cumprida a partir de hoje, e terminará dia 7 de dezembro. O Fórum vai ser realizado nas cidades de Joinville, Florianópolis, Belém, São Luís, Manaus, Rio Branco e Rio de Janeiro.

Em nossa cidade, o evento acontecerá de 24 a 28 deste mês, ocasião em que serão discutidos temas como os projetos siderúrgicos para a Amazônia, problema ambiental — desmatamento e utilização dos recursos naturais não explorados da Amazônia, a questão mineral — problemas regionais e ambientais, a Amazônia e a nova Constituição e o Pará e a expressão amazônica. Para participarem do Fórum, é esperado um grande número de entidades científicas, sindicais, políticas e profissionais.

Fazendo parte da programação da cidade de Belém, nos dias 27 e 28 de outubro está previsto o seminário "Jornalismo, desenvolvimento e integração dos países amazônicos". Nesse seminário, as discussões irão girar em torno do tratado de cooperação amazônica — exposição e debates —, e a aplicação do tratado e os meios de comunicação.

Este seminário está sendo patrocinado pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Federação Iberoamericana de Periodistas (FIAP) — seção brasileira. Jornalistas brasileiros e dos países amazônicos marcarão presença neste evento. Porém, tanto o Fórum, quanto o Seminário têm patrocinadores comuns, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico (CNPq), Secretaria de Cultura do Pará, Museu Emilio Goeldi (MPEG), Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (IDESP) entre outras regionais e nacionais.

De acordo com as informações da Campanha, o Fórum de Debates pretende divulgar o conhecimento científico da realidade amazônica em sua globalidade, incluindo questões sociais, econômicas, ambientais e políticas.

As discussões nas cidades de Joinville e Florianópolis serão a respeito da problemática da Amazônia e o contexto nacional; em São Luís, dos projetos siderúrgicos e a utilização do Babacú; em Manaus, do problema energético da Amazônia Ocidental: hidrelétricidade, gás e petróleo; em Rio Branco, do problema ambiental e o processo de ocupação da Amazônia Ocidental; no Rio de Janeiro, dos projetos siderúrgicos para a Amazônia e questão mineral.

Preservação

A Sociedade de Preservação aos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia (Sopren) tem um compromisso anual com os brasileiros — lembrar que a floresta amazônica representa um patrimônio valioso para o homem que vive nesta região e que não pode ser devastada. Para reafirmar isso, a Sociedade irá promover no período de 21 a 27 deste mês, a XVII Semana Amazônica de Preservação da Flora.

A preservação defendida pela Sopren está baseada no fato de que a floresta mantém o clima, controla os ventos, sustenta as chuvas, conserva a terra, a vida dos animais e aves entre outras benfeitorias. A Semana está recebendo apoio de instituições preservacionistas públicas e privadas.